



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Mecanismos psicológicos do colonialismo sob a óptica das filosofias pretas da existência

Samyra Beatriz Soares Cruz¹; José Fernando Andrade Costa²

1.Samyra Beatriz Soares Cruz, PIBIC/CNPq, PSICOLOGIA, e-mail: samyrabsacruz@gmail.com

2.José Fernando Andrade Costa, DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA, e-mail: jfacosta@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Frantz Fanon; Mecanismos psicológicos; Filosofias pretas da existência

INTRODUÇÃO

A colonialidade, como coloca Maldonado-Torres (2007), é o resultado de um contexto sociohistórico, de uma massiva empresa colonial, na qual o capitalismo se conjugou com formas de dominação e subordinação, centrais para manter e justificar controle sobre a população colonizada nas Américas (p. 131). Ela sobrevive ao colonialismo, que seria a relação política e econômica onde há a soberania de um povo sobre outro, o que torna o primeiro um império (p. 131). Inserida na lógica colonial, está a ideia de raça e as hierarquizações entre as diferentes raças criadas, com o questionamento da humanidade dos sujeitos colonizados diante de sua inserção em categorias inferiores quando se trata do mundo colonial. A colonialidade pode ser considerada um discurso e uma prática que, simultaneamente, prega a inferioridade natural de certas pessoas, marcando-as como dispensáveis, e a colonização da natureza, marcando-a como pura matéria-prima para a promoção de bens no mercado internacional (p. 135).

Não sendo suficiente aplicar moldes europeus sobre a realidade de outras populações, mostra-se necessário buscar teorias e autores que considerem a realidade material dos colonizados para se fazer uma análise dos processos psíquicos presentes nessa sociedade. O que se encontrou foram as filosofias pretas da existência, que começam com as lutas reais dos negros para se libertarem do racismo e do colonialismo, sendo as questões ontológicas trazidas pelos pensadores dessa área, inseparáveis da questão da libertação (Cornell, 2008, p. 130). Suas produções surgem das ansiedades e questionamentos existenciais da população preta em relação à sua realidade, atravessada por diversos fatores, posicionando a libertação de tal grupo no cerne da argumentação existencial. Aqui se justifica também a escolha por Frantz Omar Fanon, um dos principais autores nesse contexto, possuindo seus escritos grande influência desde a segunda metade do século XX ao redor do mundo. Em *Pele Negra. Máscaras Brancas*, livro lançado em 1952, seu projeto foi analisar como o pensamento ocidental leu as vidas de pessoas negras e outras populações colonizadas (Gordon, 1977, p. 40), tendo a Martinica e sua relação

com a França como base para discussões. Ao longo de sete capítulos, Fanon faz análises de contextos nos quais a pessoa negra está inserida e se depara com o problema que a sociedade faz deles - a linguagem, as relações afetivas, econômicas, sociais e existenciais. Importante notar que nesse trabalho, o que Fanon procura não é uma leitura meramente psicológica e individual das reações dos negros diante do racismo, mas sim uma análise das consequências de um movimento misantrópico como o racismo.

A presente pesquisa procurou investigar os mecanismos psicológicos do colonialismo a partir das contribuições das Filosofias Pretas da Existência, aqui analisando Frantz Fanon e seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* e também comentadores que ajudem a aprofundar a questão. Isso foi feito 1) compreendendo o processo de sociogênese dos fenômenos psíquicos apresentados por Fanon e 2) identificando e descrevendo os mecanismos psicológicos relacionados à abordagem da afetividade e da linguagem, encontrados no livro supracitado.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A pesquisa foi qualitativa e bibliográfica, compreendendo que a relação entre o objeto e os resultados buscados não teriam uma relação interpretada através de números (Praça, 2015), e guiando seu delineamento exclusivamente na busca, consulta e análise de materiais disponíveis na literatura (Gil, 2002 *apud* Batista; Kumada, 2021). Foi analisado o livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon, e consultados bancos de dados on-line para a procura de comentadores e colaboradores, utilizando SciELO e também JSTOR, por ser uma plataforma internacional e fornecer maior diversidade e alcance na pesquisa. Os textos foram selecionados por título, resumo e palavras-chave, sendo excluídos aqueles que desviaram da temática estudada e os que precisavam ser pagos para o acesso. Os dados obtidos foram analisados a partir da relevância para a Psicologia e a ampliação do campo dentro da abordagem decolonial, buscando não apenas incluir autores e novas perspectivas de realidades periféricas, como também abordagens de subversão das teorias tradicionais (Teixeira, 2022).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A noção de sociogenia é trazida por Fanon na introdução de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), ao ressaltar que a alienação do negro não é individual (p. 25). Ela vem ao lado da filogenia e da ontogenia (p. 25), sendo importante ser levada em consideração ao analisar o adoecimento e os processos psicológicos da população colonizada, para além dos aspectos sociohistóricos e econômicos. É uma referência à contribuição humana às instituições humanas, na construção de fenômenos que os seres humanos acabam por tomar como “naturais” (Gordon, 1997, p. 38). Sob a análise desse conceito, o racismo é um produto e um processo utilizado pelo grupo dominante, destruindo os valores, sistemas de referência e panoramas sociais dos dominados (Faustino, 2024, p. 153). O que ocorre com a hierarquização das raças e a discussão da alma é a desumanização de certos sujeitos - nesse caso, indígenas e negros.

Na sociedade colonizada, Fanon aponta a presença de complexos, como o complexo de inferioridade, o complexo de Próspero e o complexo de bode expiatório. Todos esses existem e são mantidos a partir da hierarquização das raças na sociedade colonizada, com a epidermização e a internalização das categorias sociais por parte dos indivíduos.

Os mecanismos psíquicos que tornam esses processos possíveis são: o (duplo)narcisismo, a retração do ego, o embranquecimento alucinatório e a negrofobia. O narcisismo vai fazer referência ao fechamento, à alienação realizada pelo sistema colonial. O branco e o negro estão fechados em si mesmos (Fanon, 2020, p. 23), de maneira que estão alienados um do outro. Além disso, também fala sobre a construção da imagem do sujeito negro em uma sociedade na qual os ideais não apenas são opostos à própria imagem, como a negam: o negro se encontra em um constante embate consigo mesmo, por portar as significações sociais epidérmicas daquilo que é ruim e mau, mas não pode escapar delas pois não pode escapar da própria pele. A retração do ego se dá quando o negro, então, se retira de situações desconfortáveis, afastando-se de tudo o que possa fazer o negro se aproximar desse estado intolerável que os brancos descrevem em sua denominação de Outro, das características morais e comportamentais que foram epidermizadas no processo de colonização. Porém, tal processo é impossível para o negro de forma bem-sucedida dada a cor de sua própria pele, então é no branco que ele encontra a saída para essa angústia, seja na escolha de parceiros afetivos ou no uso da linguagem. O embranquecimento alucinatório diz respeito ao desejo inconsciente do negro de se tornar branco, pois na sociedade racista e hierarquizada, tão melhor será a situação de alguém quanto mais próximo estiver na branquitude, e isso também pode se expressar na escolha de parceiros e no uso da linguagem. A negrofobia entra como um fruto do imaginário branco criado diante do processo de colonização e hierarquização racial, fruto de um complexo de inferioridade que, como discutido anteriormente, foi criado a partir do momento em que o colonizador colocou a humanidade dos colonizados em questão. O negro fugirá de tudo o que referenciar sua existência como ruim, seja pela negação de comportamentos e usos da linguagem estereotipicamente referidos a ele, seja pela procura de relacionamentos diversos que lhe forneçam legitimidade como ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A sociogenia de Fanon não tem a intenção de substituir ou deixar de lado as outras explicações para os fenômenos psíquicos, mas acompanhar as análises para que haja uma melhor compreensão da situação material e psicológica dos sujeitos no mundo colonizado. Para a psicologia, a importância da consideração coletiva nos processos individuais são de grande impacto para a análise. Sua formação como campo de conhecimento é atravessada pelo eurocentrismo, elemento que informa uma centralidade epistêmico-metodológica dos pensadores europeu e, mais ainda, o uso do homem europeu como referência teórico-prática (Dimenstein, 2022). Isso resulta na falha das teorias, ao serem aplicadas sobre a sociedade colonizada, em compreender as especificidades dos processos psíquicos dos sujeitos e individualizam as problemáticas que dizem respeito a uma construção coletiva - mais ainda, como apresentam as populações colonizadas com um problema inerente, sem considerar a história, a economia e seus desdobramentos nas relações com pessoas, com a própria linguagem e com a afetividade. Essa tentativa de homogeneização dos fenômenos, tomando como referencial um suposto universal que determinaria desde as significações e as emoções atreladas de cada um, até as famílias e seus impactos no desenvolvimento das pessoas, gera a visão de que o negro, como explicitado no estudo de Fanon, está sempre em uma posição inferior e não faz parte da construção da razão. Somado a isso, os arquétipos maniqueístas do mundo colonial orientam a construção de uma moral racista que afeta a

visão de si e do outro, em uma relação permeada por pressupostos e comportamentos patológicos.

É com a análise sociogênica dos processos que se compreende como podem se dar, diante de um desejo de fugir da categoria de negro através da economia, dos relacionamentos e da linguagem, as relações efetivas e a utilização da linguagem, e que se pode compreender os complexos e mecanismos psicológicos presentes na sociedade colonizada, os quais dependem da formação da cultura e da manutenção das hierarquias socioeconômicas. A psicologia deve levar em consideração a situação dos fenômenos psíquicos a fim de não se reproduzir uma lógica universalista que responde a um padrão eurocêntrico, utilizando-se de outras epistemologias para fazer uma melhor análise da situação que enfrenta.

REFERÊNCIAS

CORNELL, Drucilla. Decolonizing Critical Theory: The Challenge of Black Existentialism. In: CORNELL, Drucilla. **Moral images of freedom: A future for critical theory**. Estados Unidos da América: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2008. cap. 4, p. 129-163.

DIMENSTEIN, Magda et al. Produção de conhecimento, psicologia e pensamento colonial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 74, n. 1, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 320 p. ISBN 9786586497205.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. **SER Social**, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148–163, 2018. DOI: 10.26512/ser_social.v20i42.14288. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14288. Acesso em: 21 ago. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORDON, Lewis R. Fanon, Philosophy and Racism. In: GORDON, Lewis R. **Her Majesty's other children: sketches of racism from a neocolonial age**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 1977. cap. 2, p. 25-50.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, p. 127-167, 2007.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos**, v. 8, n. 1, p. 72-87, 2015.

TEIXEIRA, Mariana. Três modelos de descolonização epistêmica: inclusão, substituição e subversão¹. In: BARROS, Carlos César; COSTA, José Fernando Andrade; MACÊDO, Stefanie de Almeida (org). **Psicologia e Teoria Crítica: Descolonização, interseccionalidade e a crise do capitalismo**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2022. v. 1, cap. 3, p. 69-89. ISBN 978-65-89524-32-8.